

O VELHO ELVIS

Por Cadão Volpato

Elvis envelheceu e mora numa grande cidade da América do Sul. Esta cidade não é Buenos Aires, como crê o senso comum. A nova capital de Elvis tem mil colinas.

Ele estudou Arquitetura, só não tem diploma.

Dos Beatles, gosta apenas das baladas, todas com piano. Acredita que tem muito açúcar no sangue.

Também ouviu jazz, só aquele feito até 1969, ano em que, diz ele, Miles Davis passou a usar óculos de inseto e eletrificou-se. Nada disso tem importância, porque afinal Elvis nasceu enrolado nas raízes do rock, em 56, e aí permaneceu.

Manteve um par de costeletas e um topete num corpo de mais de 90 quilos. As bochechas são incrivelmente rosadas. Embora tenha se dopado bem menos do que o habitual, tudo nele já está embranquecido, incluindo os cabelos do peito, pois não usa tintura.

Trabalhou no desenho e na fabricação de piscinas. Não deu certo.

Trabalhou na prefeitura, onde também era chamado de Elvis. As pessoas sempre gostaram dele, e assim Elvis foi engordando, ainda que o amor emagreça, como dizem.

Olhos azuis são sempre bem vistos, embora recessivos.

Casou-se com uma amiga de infância de olhos castanhos, depois de muitas idas e vindas e um longo noivado. A lua de mel foi numa praia distante, da qual ela voltou com uma menina na barriga. Ele trouxe uma foto de calção de banho escuro. Nela, aparece branco feito um osso, e fanfarrão, nos últimos dias da sua juventude.

Uma menina chegou de olhos bem abertos e pretos. Elvis estava à espera, atrás de uma máscara cirúrgica. Ainda era bastante moço, e chorava. A menina veio de cabelo escuro.

Hoje ele tem 53 anos, ela, 27.

Elvis nunca usou roupa de couro preta nem macacão branco cheio de franjas; não serviu o Exército e nunca saiu do país, o que, portanto, o impediu de conhecer a Alemanha. Já usou sapatos furados como qualquer homem comum, por isso não é rei. Não se veste como um homem da sua idade, nem como o rapaz que já foi. Abandonou-se ao que ficou com o tempo.

Nunca na vida dirigiu nenhum caminhão, porque teria sido um pai ausente caso sumisse na estrada.

Enquanto funcionário público teve tempo de sobra para se aperfeiçoar como pai e acompanhar tudo o que dizia respeito à menina – do primeiro grito de alegria causado pelos móveis de corujinha sobre o berço ao casamento desastrado em 2005. Quatro anos depois é como tudo está agora: uma bagunça.

Separada, ela é uma sombra mendicante do ex-marido.

Às vezes deita a cabeça no colo macio do pai, que inventa histórias da pré-história do rock, da mesma forma que costumava fazer quando ela era criança.

A diferença é que antes ela dormia, não chorava. Agora só chora e ri. Tem certa graça no almoço de domingo, caso o domingo não fosse imenso e se arrastasse na direção escura da segunda-feira, em geral ensolarada até a exaustão. Ela tem que ir para o trabalho. É encarregada de comprar livros estrangeiros numa grande livraria da cidade. Não dorme na casa do pai há muitos anos. Ou não dormia. Ao acordar agora, mal consegue abrir os olhos na triste claridade.

Numa Santa Ceia do Rock, Elvis seria Jesus Cristo, ele começa. Buddy Holly estaria sentado à sua direita, usando óculos, do contrário não enxergaria a comida e o drama que está por se desenrolar. Chuck Berry sentaria à esquerda de Jesus, que usa costeletas. Não é estranho como eles comem todos no mesmo lado da mesa?

Chuck era um ladrão de músicas. Era o bom ladrão que ficava na cruz ao lado de Elvis Cristo. Ele era bom de conversa e gostava da timidez do companheiro branco, porque assim podia aparecer sozinho lá em cima. E copiar até os seus assobios.

O primeiro filme que vi foi uma Paixão de Cristo, ele continua. Os soldados romanos tinham capacetes azuis. Mas o filme era em preto e branco. Meu pai me levou, e disse que os romanos eram da mesma cor cinzenta de todo mundo.

Já minha mãe me levou pela mão até o banco onde arrumaria meu primeiro emprego, aos 15 anos. Fui contínuo arquivista num prédio em forma de caixa. Trabalhava de gravata. Minhas gravatas eram berrantes e os sapatos tinham saltos de plataforma, no último grito da moda. Não havia metrô ainda. Meu cabelo era comprido, foi preciso cortar; então deixei, a muito custo, que crescessem as costeletas. E elas vieram ruivas.

Dedilhando todas aquelas fichas verdes de nomes sujos na praça, cheguei à conclusão de que não gostava de dinheiro. Nove meses depois, dei a luz à liberdade.

Elvis está mais para Las Vegas, onde até se picava nos calcanhares. Estava tão gordo que poderia ter morrido de tanto comer; desde então vem tentando parar. Vê com interesse os pratos vegetarianos, porque seu colesterol ruim é muito alto também.

As pessoas não perdoam. Elas olham para o chafariz de suor que brota do seu corpo, que nem é tão pesado, só não é grande.

Ainda assim, brilhante, rosado, ele olha de volta para elas com uma certa ternura e uma insatisfação que herdou da juventude.

Olhos azuis, mesmo tristonhos, são sempre bem vistos.